



**Mateus DOC 8**

Propostas de trabalho para o conceito de “Infinito”

**Afonso Duarte, MD8**

---

Doutoramento em Biofísica molecular - Wageningen University, The Netherlands  
ITQB - Universidade NOVA de Lisboa

The advances in technology and Science lead in the last decades to an increase of information regarding nature in different levels. The complexity of the systems is now known to be almost infinite. Some decades ago we start understanding the infinity small and the infinity big, now we are starting to be mesmerized with the infinite complexity within the networks in living cells. From the complexity of the different molecular interaction that happen every second in our cells that allow us to stay healthy, to the complexity of inter-cellular chemical interactions that allow tissues, organs and organisms healthy. We are at a point where science and technology are asked to develop new tools and methods to obtain, organize and analyse the data behind such networks. As all new challenges, the need to rethink our approaches is a must. Understanding the “molecular facebook” of each type of cell (e.g. kidney, brain, and heart) will allow medicine to develop new drugs and treatments that can target disease. Understanding how neuronal cells interact with each other in time will permit us to understand neurodegenerative diseases and prevent them. This “molecular facebook” describes the way molecules “speak” with each other like an information hub. Such information will provide us key information on how information is received, processed and transmitted inside living cells. A current challenge in Life Sciences studying the mechanisms behind healthy cells and how diseases can be tackled, focus on how to obtain, organize and process these infinite possible combinations of cellular molecular interactions. In this article I propose to describe the approaches in Life Sciences to deal with these “infinite numbers” and show how the collaboration between Biology, Computational Sciences and other disciplines are playing a role in the Biology BigData era.

**Alexander Gerner, MD7**

---

CFCUL, University of Lisbon

**Notes on the Peircean notion of infinity and continuity**

(considering Milan Kundera’s ‘Immortality’ and Rudy Rucker’s ‘White Light’ as well)

I Hasn’t the study of infinity and of continuity- the "most difficult conception for philosophy to handle" (Peirce, The Logic of Continuity)- driven many men insane?

II How do "Arguments" as a process of thought -reasonably tending to produce a definite belief- have to be put to be adequate towards the *infinite*?

III If we take the theological notion of infinity, as in the question of God's infinity and eternity, how does this type of infinity lead to reason on "A Neglected Argument for the Reality of God"(Peirce) which suggests that the mathematical concepts of infinity and continuity may play significant roles in a theory of religious reasoning and experience?

IV As "infinity" pertains among others to the theoretical realm of natural sciences (mathematics in specific), their ontologies and metaphysics in this infinite 15min talk I might possibly address only some issues of continuity in Peirce (with Stjernfelt and Zalamea) and with Tengelyi (Welt und Unendlichkeit, Zum Problem phänomenologischer Metaphysik, 2014) touch on the phenomenological notion of the infinite as a category of experience.

V I will point out another concept of infinity – the anthropological notion of infinity - in the problem of 'immortality', following this notion in what I call the *poetic infinite* with the help of a fiction novel: Milan Kundera's opening scene of his novel "Immortality" that- as I suggest- conveys a *gestural embodied approach to infinity*, that might reach as deep as into mathematics' foundation (cf. Lakoff and Nunez, 2000).

VI Another novel about the infinity and the continuity shall interest us here: Rudy Rucker's novel "White Light": While being visiting scholar and researching on Cantor's continuum problem at the University of Heidelberg between 1978-1980 Rucker underlines: "sometimes in early 1979 I despaired of making any mathematical progress and wrote the novel White Light instead". The main character and author's alter ego- Felix Rayman- a mathematic lecturer at the college "SUCAS"(!) not only discovers a weird Borges-like book called "Cimón. How to get there" a place that „is infinitely far away" but we can observe him even trying to reach infinity- "white light"- by lucid dreaming that I would call "Out-of-Body" experiences, while debating questions of infinity: "*I thought of a thought balloon which never stops growing, of a library with infinitely long books: I was hoping to find a proof that  $c$  is bigger than aleph-one(...)*For the first time I asked myself what the continuum Problem was really about. Comparing two different things:  $c$  and aleph-one. It seems fair to say that there are  $c$  possible thoughts and that aleph-one is the first level of infinity which we really can't think up to. So the problem becomes: Is Everything bigger than infinity?" (Rucker, 1980)

### **O infinito e o emergente**

O infinito revela-se, na repetição, na obsessão e na reprodução, na ligação ao que emerge da linguagem do corpo e da fonte de comunicação proprioceptiva (sensação do próprio corpo nas suas variáveis sensoriais e motoras). O eterno retorno processa-se, não como cópia mas algo que começou num desvio e surgiu do movimento perpetuo. O corpo experimenta sutilezas, formas aparentemente interditas para a linguagem verbal e vive linhas de interacção espaço-tempo. Conhece a capacidade de sobreviver e de se recuperar, criando conceitos que emergem da experiência da actuação, numa actualização constante, seleccionando e eliminando para continuar o sistema em equilíbrio. O que faz a actualização nas próprias coisas? Por que a diferenciação é qualificação e composição, especificação e organização? Por que se diferencia nestas vias complementares? É a consequência duma diferença originária, pura, sintética, em-si (o que Nietzsche chamava de vontade da potência). Se a diferença é o em-si, é o para-si da diferença (Deleuze, 2000: 350). O sujeito do eterno retorno não é o mesmo, mas o diferente, nem é o semelhante, mas o dissimilar, nem é o Uno, mas o múltiplo, nem é a necessidade, mas o acaso. A repetição no eterno retorno implica a destruição de todas as formas que impedem o seu funcionamento, categorias da representação encarnadas no carácter prévio do Mesmo, do Uno, do Idêntico, do Igual. (Deleuze, 2000: 219). Ao integrar mapas do cérebro com a ideia de uma realidade física sensorial, emergimos para o momento presente. Em sintonia com circunstâncias do presente, começar ou desenvolver uma acção surge através de uma audição activa e de uma percepção (Mabel E. Todd, 2008). Isto resulta no emergir de acções, gestos, formas e movimentos que surgem do alinhamento com o momento de criação (Sgorbati, 2005: 1). Tudo o que deriva pode ser "ruído" subliminar que leva a outra etapa, num espaço para "aparecer" e encontrar novos modos de ser. Neste surgimento da diferença há algo de infinito, questionando a estagnação, algo que naturalmente surge. A experiência na dança e no teatro associada ao preceito multi-sensorial ocorre pela instabilidade e acontecimentos não previsíveis propiciando associações, novos ritmos e velocidades, noutras tensões musculares, emocionais, orgânicas e sensoriais. Vive-se uma infinita inconstância, para ser outra pessoa além daquilo que conhece de si mesmo. Cria a capacidade de variar, em metamorfose, realiza a busca pela criação e revela o lugar da linguagem corpórea. Reformula e encontra múltiplas saídas para construir novas formas ínfimas com o corpo.

## **Daniel Lanero Táboas, MD2**

Investigador Postdoutoral ascrito ao Departamento de Historia Contemporánea e de América da USC e Visiting Fellow no Spanish and Spanish American Studies Department do King's College London

### **De fronteiras, infinitos e construción das narracións históricas...**

#### **Uns apuntamentos especulativos**

A natureza da miña aportación para esta edición de peche do Mateus Doc. vai ser - ten por forza que ser - moito máis especulativa que concreta. O obxectivo do meu texto é reflexionar sobre o vencello que a xeración de coñecemento histórico e a elaboración de discursos historiográficos mantén co par de conceptos “fronteira” e “infinito”. Estes dous conceptos poden ser postos en relación (máis ou menos directa) con espazo e tempo, as coordenadas que enmarcan toda narración histórica. Cando estes eixos (espazo e tempo) se esvaecen e moven dun xeito arbitrario, o que temos xa non é Historia, senón Memoria...

Porén, a aproximación histórica ao concepto de “fronteira” semella moito máis sinxela ca o de “infinito”. Abonda, por exemplo, pensar no proceso histórico de construción dos imperios da Antigüidade, dos reinos do Medievo ou dos estados da Época moderna. “Fronteira” remite, en principio, a unha realidade física apreixable polos sentidos, aínda que estamos ante un termo cunha, por outra parte, notable potencialidade abstracta e simbólica (como no caso da “Nova Fronteira” debuxada por J.F. Kennedy a comezos dos anos sesenta ou como suxire a máis recente “Fronteira do coñecemento”).

Pola contra, o concepto “infinito” supón un desafío para o/a historiador/a. O “infinito” é a antítese da temporalidade coa que a Historia se manexa. O tempo histórico ven delimitado por períodos cronolóxicos máis ou menos amplos, pero sempre concretos/pechados, como a existencia dun individuo, as décadas dunha xeración, a vixencia dunha civilización, o xurdimento do ser humano ou a vida do propio planeta. No ámbito humano, “infinito” ten moito máis que ver co descoñecido, co trascendente, co que está “máis aló” da realidade... que cos propios feitos humanos. No caso das relixións, existe un vencello evidente entre “infinito” e “eternidade”...

“Fronteira” e “Infinito” son, nalgunhas das súas acepcións, termos case antónimos. Así: “Fronteira”: límite Vs “Infinito”: que non ten nin pode ter fin; pero, simultaneamente, poderían estar a caracterizar realidades (ou abstraccións) contiguas: “Infinito”: lugar impreciso na súa lonxanía e vaguidade; dito doutro xeito, o que está máis aló da “fronteira” do que coñecemos....

## **Gonçalo Almeida Ribeiro, MD1**

Teaches jurisprudence, private law theory, and economic analysis of law at the Católica School of Law & Global School.

### **Os «Porquês» Infinitos na Filosofía e no Dereito**

Um dos mais antigos problemas da filosofia é o da regressão infinita, ilustrado pela questão prosaica da galinha e do ovo — afinal de contas, quem nasceu

primeiro? O tema central da minha exposição é a relevância do problema na minha especialidade académica — a teoria do direito, — em especial no processo de justificação ou validação jurídica. Tentarei mostrar que o problema, na sua encarnação propriamente jurídica, é um veículo muito eficaz para a refutação do positivismo, a família de teorias sobre a natureza ou a essência do direito segundo as quais não há nenhuma relação — ou, segundo uma versão mitigada, nenhuma relação conceptualmente necessária — entre validade jurídica e justificação moral de normas, ou de sistemas de normas. Todavia, para chegarmos com fôlego nos pulmões a essa região inhóspita e de atmosfera rarefeita que é a questão da regressão infinita na justificação jurídica, é indispensável determo-nos por alguns instantes na cartografia do problema geral em filosofia, nomeadamente nas disciplinas fundamentais da lógica, da epistemologia e da metafísica. É o que farei na primeira parte da apresentação.

#### **João Cabeleireira, MD4**

---

Arquitecto e assistente na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (EAUM). Licenciado em Arquitectura pela FAUP (2002)

### **Codificar o Infinito Concepção gráfica e arquitectónica do cosmos.**

*Todo ponto de visão é um ápice de uma  
pirâmide invertida, cuja base é indeterminável.*  
Fernando Pessoa: *Livro do Desassossego*.

A visibilidade do mundo reflecte as conquistas da cultura ocidental decorrentes da formulação da *perspectiva artificialis* a partir dos aparatos visuais de Brunelleschi. Sendo que a representação do mundo abandona uma lógica fragmentária esta altera-se mediante a codificação perspéctica fundada numa ideia de contínuo espacial, articulado e vinculado ao ponto ocupado pelo sujeito que o vê e que com ele se relaciona visualmente Neste sentido a perspectiva renascentista e a codificação geométrico/matemática do espaço consagram o cosmos como facto eminentemente visual sintetizando uma duplicidade entre razão (o conhecimento do natural) e sensação (o reconhecimento do percebido).

Colocando-se o observador no centro do mundo a codificação perspéctica que reúne o infinito num ponto, o ponto de fuga, a partir do qual se regula vínculos de medida e posicionamento dos factos. Neste sentido se a codificação serve à inicialmente representação do espaço no plano do desenho, numa ideia de coincidência entre o natural e a sua experiência óptica, esta verterá sobre a concepção ocidental do cosmos e, conseqüentemente, na configuração do construído (seja na transformação e modelação da espacialidade interna, que se estende num infinito visual a partir das possibilidades proporcionadas pela quadratura, ou na organização do espaço externo, conduzindo o olhar ao infinito numa postura de controlo do produto humano sobre a natureza). Uma faculdade do desenho e da construção à qual se associam potencialidades da retórica política (posse do mundo visível), devocional (aprisionamento do transcendente) e científica (domesticação da natureza), que incorporadas nos modelos conceptuais da arquitectura e urbanismos determinam o quadro espacial em que o Homem se

move (desde os espaços da ensaística moderna aos da condição contemporânea de dissolução do urbano, passando pelos do triunfo católico da contra-reforma, da ritualidade absolutista, da expressão autoritarista e democracia).

### **Maria Rita Furtado, MD8**

---

FLUP - Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, Variante em Estudos Portugueses e Românicos; Mestrado em Teoria da Literatura

#### **Em defesa do Senhor Leopold**

Em «An Analysis of the Mind of James Joyce», Wyndham Lewis defende que as personagens de Ulysses, principalmente Leopold Bloom, não são mais do que cabides de onde pende uma amálgama de pensamentos que não lhes pertencem, e, por isso, não possuem uma personalidade própria. Além do mais, na sua edição do romance, Declan Kiberd declara que Joyce afirmou que «nem os nossos monólogos interiores nos pertencem». Ainda que, numa primeira leitura, esta ideia possa sugerir que Joyce concordaria com Lewis, não ter pensamentos próprios não é necessariamente sinal de carácter fraco. Precisamente porque Joyce sabe isto, uma das principais preocupações de Bloom tem que ver com ter, ou não, carácter. A meio do capítulo «Lestrygonians», Bloom dá voz a esta ideia, quando pensa que «[you] never know whose thoughts you're chewing»; e, ao longo do romance, pensamentos, preocupações, sonhos e coisas migram entre personagens. Mesmo que isto pudesse ser, nos termos do ensaio de Lewis, mais uma prova da falta de interesse das personagens de Joyce, o facto de Bloom saber que os pensamentos andam de mente em mente, fortalece e define a personagem principal de Ulysses. A partir deste ponto, pretendo não só construir um argumento em defesa de Bloom contra Lewis, como mostrar o modo absolutamente virtuoso com que Joyce explora a ideia de «infinito», expondo um dos conceitos filosóficos e matemáticos mais difíceis de apreender. Além do facto de Bloom saber que todas as mentes mastigam os pensamentos das outras ser, a meu ver, aquilo que fortalece o carácter desta personagem, a construção de Bloom é também o momento em que Joyce melhor revela o que é o infinitamente grande, no infinitamente pequeno: se Dublin é, como também Lewis defende, um «gabinete de curiosidades» composto por inúmeros objectos, Bloom é a manifestação de que a capital irlandesa é igualmente uma infinidade de mentes contíguas, em que cada uma deve a sua existência a todas as outras, e em que todas se manifestam numa.

### **Pedro Lind, MD2**

---

PhD Researcher at ForWind, Universidade de Oldenburgo

#### **Um pouco mais de infinito para ficar aquém**

Esta apresentação tem duas breves partes. Na primeira parte irei abordar os temas anteriores dos encontros Mateus DOC estabelecendo uma ponte com o tema "Infinito". Na segunda parte irei concentrar-me no tema "Infinito" de uma perspectiva científica. Tentarei mostrar que (i) o conceito de "Infinito" é algo que não tem existencia material e (ii) que, apesar disso, foi esse conceito que permitiu

à matemática e à ciência modernas abordar a realidade física da forma como fizeram nos últimos quatro séculos. Pontos particulares que serão abordados de forma não técnica são o Paradoxo de Zenão, o conceito de limite, o cálculo diferencial e a Teoria dos Conjuntos de Cantor.

#### **Pedro T. Magalhães MD4**

---

Doutorando em Ciência Política (CESNOVA/IPRI/FCSH-UNL)

#### **Horizontes (in) finitos: representação, democracia e transcendência**

Ver pdf anexo.

#### **Ricardo Branco, MD1**

---

Post-Doc Researcher, Chemical and Biochemical Engineering Section, Universidade Nova de Lisboa

#### **Quando no limite o risco tende para infinito!**

Vivemos tempos interessantes, diriam alguns, com demasiadas incertezas e “riscos” diriam outros. Nunca a dimensão, extensão e projecção do termo foi tão invocada conscientemente pelo senso comum, como hoje em dia. Por vezes, expressa na *vox populi* num registo mais prosaico, outras porventura de forma mais erudita, ou conceptual, quando enquadrada pelas idiosincrasias corporativas dominantes, induzindo de forma subliminar ou especulativa determinado comportamento junto da opinião pública; São disso bons exemplos expressões como “risco de mercado” no plano financeiro, ou “risco ambiental” no domínio da sustentabilidade. No entanto, o “risco” propriamente dito, reside habitualmente no facto de não ser possível defini-lo ou avalia-lo de forma unívoca e singular, dada a sua elevada complexidade e discricionariedade.

Será assim plausível considerar que no limite podemos sempre condicionar o “risco” a tender para zero? Este é o desafio proposto de contextualizar o “risco” associado à tomada de decisão, para além da sua natureza estatística, tendo em consideração uma dimensão espaço-temporal contínua e “infinita”, o qual será desenvolvido no âmbito do sétimo e último encontro do projecto MateusDOC.

#### **Rosario Mascato Rey, MD5**

---

University of Santiago de Compostela, Literatura española, Teoría da literatura e Lingüística Xeral, Post-Doc

#### **Uchronia: Infinito e representação da história**

No ano 1876, o filósofo francês Charles Renouvier –por sua vez discípulo de Augusto Comte e do espiritualista Jules Lequier, e mestre de Henri Bergson– publica uma obra sobre a constituição ideológica da Europa, a que dará título com um neologismo chamado a ter extenso percurso posterior: Uchronie (L’Utopie dans l’histoire). Esquisse historique apocryphe du développement de la civilisation

européenne tel qu'il n'a pas été, tel qu'il aurait pu être. Trata-se de uma sorte de romance, supostamente obtido a partir de um manuscrito apócrifo em que nos é oferecida a reconstrução da história europeia, da Antiguidade Clássica até aos finais do século XVII, com a vontade de retratar o que teria podido ser uma sociedade onde a filosofia, a moral política e o Estado racional fossem as forças hegemónicas para a consecução da paz e justiça sociais. De tal maneira que o livro de Renouvier apresenta um devenir da história em que a doutrina cristã não teria triunfado no desenvolvimento da civilização ocidental, não se teria produzido a queda do Império Romano e, em consequência, a Idade Média jamais teria eclodido como período determinante para o progresso do pensamento continental. O livro foi publicado num momento especialmente delicado da história europeia, em que eram lugar comum os conflitos sociais, políticos e económicos surgidos a partir do império dos nacionalismos expansionistas e da revolução industrial. A ucronia de Renouvier é assim concebida como uma reconstrução virtual de um passado remoto sobre o qual se bifurcam os sendeiros da história, constituindo o que posteriormente será reconhecido como "alternate history": uma narração discursiva que permite não só re-escrever a historiografia, lendas ou mitos que configuram identidades (individuais e/ou coletivas), mas, e sobretudo, propor uma nova ordem através de uma exploração dos outros sendeiros paralelos pelos quais poderia ter transcorrido a religião, a política, a ciência, a filosofia... Trata-se daquilo que Paul K. Alcon (1987) denominaria futures of the past. Esta representação ucrónica da/doutra(-s) realidade(-s) habilita os seus autores para darem soluções (quando menos) no plano discursivo (moral, político, social e/ou estético) a problemas históricos (Zahareas, 2004), numa reelaboração infinita de sequências alternativas, já que todo tempo é suscetível de se converter num dos chamados "pontos de divergência". A história, a filosofia e a teoria da literatura configuram a partir destes parâmetros a sua própria "teoria dos mundos possíveis" (Everett apud Wheeler, 1957 e DeWitt & Graham, 1973), de alargado percurso no âmbito da mecânica quântica e cuja implementação nestas outras áreas pretendemos explorar sumariamente neste encontro Mateus Doc VIII.

#### Bibliografia:

Alcon, Paul K. (1987). *Origins of Futuristic Fiction*. Athens: Georgia University Press.

Bryce Seligman DeWitt, R. Neill Graham, Eds. (1973). *The Many-Worlds Interpretation of Quantum Mechanics*, Princeton Series in Physics, Princeton University Press.

John Archibald Wheeler (1957). "Relative State Formulation of Quantum Mechanics", *Geons, Black Holes & Quantum Foam*: 268–270.

Zahareas, Anthony (2004) "Sólo por estética: soluciones estéticas de problemas históricos". Manuel Aznar Soler e M<sup>a</sup> Fernanda Sánchez Colomer (Eds.) *Valle-Inclán en el siglo XXI*. A Coruña, Edicións do Castro: 273-288.

#### Webs:

Uchronia. The Alternate History List <http://www.uchronia.net/>

---

#### **Tito Rendas, MD6**

Ph.D. Programme da Católica Global School of Law. Master of Laws (LL.M.) pela



**Infinito Criativo?**  
**O Prazo de Protecção do Direito de Autor e a Sustentabilidade do Sistema de  
Produção Cultural**

A tendência internacional no sentido do alargamento do prazo de protecção do direito de autor – perpétuo nas suas consequências práticas – tem sido contraproducente. A duração (actualmente) excessiva do direito de autor, ao invés de contribuir para a promoção da criatividade – o objectivo último da protecção jusautorais –, tem-na debilitado, ao negar o acesso a uma imensidão de obras, impedindo o uso das mesmas, e.g., para efeitos transformativos.

**Valerio Nitrato Izzo, MD2**

---

Post-Doc Researcher, Università di Napoli Federico II, Doutoramento em Filosofia do Direito

**As cidades frente ao risco infinito: o papel do direito entre adaptação e  
“inteligência”**

Nesta proposta vou tentar dialogar com alguns tópicos das precedentes edições do Mateus Doc, em especial com os temas Risco, Adaptação, Sustentabilidade e Código a partir da teoria do direito, em uma perspectiva ampla.

Encontramo-nos numa era de risco infinito? Se esta interpretação da “sociedade do risco” parece algo forçada, não podemos subestimar que a mudança climática nos vai impor desafios aos quais é preciso responder. Deste ponto de vista cidades e direito são dois elementos que parecem cruciais. É nas cidades que mais de metade da população mundial vive hoje, uma percentagem que vai aumentar segundo as estatísticas da ONU. A cidade contemporânea tem perdido as limitações espaciais tradicionais para tornar-se um lugar sem formas, uma totalidade espalhada (Nancy): as megalópolis são cidades potencialmente infinitas (Bonomi-Abruzzese). As cidades também estão na frente das linhas de risco constituídas por acontecimentos extremos. Esta associação tem estimulado as visões de vários críticos da condição urbana atual (Davis, Virilio) assim como as análises de sociólogos que tem procurado questionar a distribuição de riscos na esfera urbana (Klinenberg). O elemento do risco é mais um instrumento de reflexão sobre a crise da cidade contemporânea.

O direito procura regular sempre um conjunto de condutas e de fenómenos potencialmente infinito. Mas pode o direito regular algo que não é previsível nem previsto? Neste aspeto residem os paradoxos de qualquer regulação jurídica do risco. Estes paradoxos são ainda mais evidentes num objeto jurídico peculiar como a cidade.

Tendo em conta este cenário e a partir da ideia do infinito, vou tentar abordar algumas questões. Como podem as cidades de hoje enfrentar o risco infinito? Será suficiente invocar as práticas através das quais transformar as cidades em *smart cities*? Qual será o papel dos instrumentos jurídicos neste processo de adaptação?

### **Construindo *baratarias*: de limites espaciais e infinitos ficcionais**

Situar uma obra na Mancha foi uma das principais transgressões do *Quixote*, num momento no qual os universos literários transcorriam pelos reinos mouros, a utopia dos cavaleiros ou a idealização pastoril. Cervantes cria um mundo de fortes contrastes entre os reconhecidos contornos do mundo manchego até a viagem infinita que se inicia com um fidalgo magro e chega (des)contínua até os nossos dias.

**A viagem:** A literatura de entretenimento com uma componente exemplar está na base do *Quixote*, nas palavras preliminares do prólogo e na estrutura matricial do romance. Os cinco primeiros capítulos, que se correspondem com a primeira saída de Dom Quixote, provavelmente constituem a ideia inicial de Cervantes: escrever uma *novela exemplar*. Só que deveu ficar agradado com a ideia e continuou numa segunda saída, e até numa terceira. Estas saídas que partem dum lugar da Mancha para terminar nela, como um eterno retorno, no qual, Dom Quixote, sempre derrotado, não conseguiu mudar o mundo. Este mundo que transcorre num duplo plano o universal/utópico de Dom Quixote e o local/real da Mancha. Para Cervantes, como escritor entre o Renascimento e o Barroco, manifesta essa necessidade da pessoa deste período de ter uma maior capacidade de intervenção política, social..

**O universo:** O *Quixote* seria talvez apenas uma obra de entretenimento, de natureza estereotipada, se trata-se apenas dum personagem estrafalário, *acompanhado dum castellano viejo, de sentencias y gracias*, mas o grande acerto do Cervantes é na coerência, na articulação do mundo que constrói, no plano no que sempre se move Dom Quixote e no plano no que se movem os demais, até que os demais, também começam a mover-se no mesmo plano que el. Sem fissuras.

Dizia Valle-Inclán, que a tragédia contemporânea só se podia expressar com uma deformação sistemática da realidade. O *Quixote* é, neste sentido, uma arquitetura perfeita de ficção e a segunda parte um dos exemplos mais perfeitos de intertextualidade e interação realidade-ficção que conhecemos.

**A literatura:** O *Quixote* é, desde a primeira página até a última, uma homenagem à literatura, ao homem que lê, mas é também a primeira obra que joga com um aspeto muito presente na literatura contemporânea: a intertextualidade. Na segunda parte, o *Quixote* é um objeto em si, o universo torna-se autor-referencial. O *Quixote* visto e construído pelos quixotes, pelos personagens que dão notícia dum obra que já se tinha tornado de grande alcance público, pelo público e pela crítica (Avellaneda).

O leitor: Desde o prólogo do romance, Cervantes faz um apelo evidente e explícito ao “desocupado leitor”. É ele o partícipe e cúmplice necessário para que o universo quixotiano se complete e cobre sentido. É esta uma noção que se adequa muito à experiência leitora contemporânea, na qual o leitor se converte a miúdo num *prosumidor*. Alguém que produz, a partir daqueles produtos culturais criados previamente.

**A cultura de massas:** A cultura do barroco -literatura, teatro-, caracteriza-se por se uma cultura massiva, motivada e potenciada pelas capacidades da imprensa. O *Quixote* é, portanto, um produto genuíno dos novos suportes do seu tempo, tal

como acontece na atualidade, na que a aparição de suportes digitais, interativos... tem modificado a forma de relacionar-se, em quanto consumidores, com os produtos culturais e literários.

Como literatura de massas que é, Cervantes, coerente com o exposto no preâmbulo de “entreter o leitor”, utiliza recursos literários que fazem parte dos tópicos da época: a literatura de cavalaria, romance *morisco*, pastoril... e recria uma figura, a de Sancho Pança, que se encaixava nos estereótipos da literatura e do teatro do momento: o cómico, o *gracioso*, de grande atrativo na comédia teatral. Este aspeto conjuga-se, em grande medida, com orientações da literatura pós-moderna, que utiliza recursos kitsch, da literatura de massas, da televisão, em obras que transcendem esse discurso.

**A obra infinita:** O *Quixote* não só dialoga com os leitores implícitos, mas, na segunda parte, com os explícitos, com os que já leram a primeira parte. Mas continua dialogando com os leitores de diferentes épocas e latitudes, um *Quixote* que, pela amplitude de matizes, foi lido e interpretado de maneira diversas. Um *Quixote* que continuamos a re-escrevê-lo, de maneira explícita ou implícita.